

1 Introdução

Essa é Aline. Ela não dança, mas ama passinho.
Thiago de Paula, líder do coletivo Expo Passinho Carioca

@alinemaiajf era uma estudante de doutorado do Brasil fazendo pesquisas em Nova Orleans por um semestre quando nos conhecemos. Ela nos contactou inicialmente para falar sobre nossas experiências e inspiração para o blog e sobre outros trabalhos que fazemos na cidade, especialmente com jovens. Depois de alguns encontros, ela perguntou se poderia acompanhar uma sessão de fotos. Coincidentemente, ela acompanhou Lou e Nell, dois estudantes do último ano no colégio. Depois, ela mesma se ofereceu para nos fotografar antes de voltar ao Brasil (embora ela timidamente se mantivesse dizendo que não era muito experiente - como todos estes fotógrafos surpreendentes que são tímidos sobre suas habilidades). Dissemos que sim, porque ela era uma pessoa incrível com quem queríamos passar mais tempo durante sua curta estadia nos EUA. E fomos abençoadas com duas sessões incríveis com fotos como esta do *post "Home Again"*.¹

Mwende FreeQuency Katwiwa, poeta, organizadora do *New Orleans Youth Open Mic* e cofundadora do Blog *Noirlinians*

Thiago e Mwende são participantes do campo congregado por esta etnografia. Suas falas revelam em certa medida a relação com a pesquisadora responsável por este trabalho, que tem como objetivo investigar estratégias de visibilidade social e midiática a partir de práticas de comunicação. No centro da análise, estão jovens do Rio de Janeiro, no Brasil, e de Nova Orleans, nos Estados Unidos. O ponto de partida é o entendimento de que estamos inseridos em um contexto de padrões institucionalizados de valoração sociocultural, como indica Nancy Fraser (2006, 2007), o que faz com que algumas pessoas se tornem “invisíveis” simplesmente pelo fato de não responderem a modelos ideais de ser, ter, pertencer, comportar-se.

¹ Tradução livre do original: “@alinemaiajf was a doctoral student doing research in New Orleans for a semester from Brazil when we met. She contacted us initially to speak about our experiences and inspiration for the blog and soe of the other work we do in the city, especially with youth, and after a couple of meetings, she asked if she could come along on a shoot. Coincidentally, she came for our shoots with Lou and Nell, the 2 high school students from the last post, and afterwards, she mentioned she herself was a photographer and wanted to shoot with us before she left (though she shyly kept saying she wasn't very experienced - Dunno what's up with all these amazing photographers being shy about their skills). We said yes, because she was an amazing person who we wanted to spend more time with in her short stay in the US, and were blessed with two amazing shoots with photos such as this one from the post 'Home Again'.” Texto publicado no perfil do Blog *Noirlinians* no *Instagram*, em 21 de julho de 2016.

Neste cenário modelado, cidadãos pretos, pobres e residentes de áreas precárias em infraestrutura (aglomerados subnormais²) podem ter suas interações cotidianas afetadas por aquilo que os marca enquanto “desviantes” (BECKER, 2008) do que é estabelecido como socialmente aceitável, um estigma – sinal depreciativo, “um traço que pode se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus” (GOFFMAN, 2012, p.14). Diante disso, saímos a campo, pesquisando, interagindo e aprendendo com juventudes “faveladas” e “pretas”³. Porque, conforme Luis Eduardo Soares (2005, p.182), “o estigma tem cara, cor, idade, gênero, endereço e classe social”.

Encontramos os sujeitos desta tese em dois países, duas cidades mundialmente conhecidas⁴. Em território brasileiro, despontou o passinho, dança originada nas favelas do Rio de Janeiro, no início dos anos 2000, e que teve nossa atenção enquanto meio de expressão entre jovens cujo estigma é o local de moradia. O passinho envolve cada vez mais meninos e meninas nas favelas cariocas. Dos bailes nos morros saltou para a internet, vitrine do ritmo a outros olhares. Atualmente com presença em conteúdos de mídia e no discurso publicitário, o estilo herdeiro do *funk* foi assistido por milhões de pessoas ao redor do mundo ao ser apresentado como parte da identidade carioca na cerimônia de abertura das Olimpíadas em agosto de 2016. Foi participando de aulas, apresentações e batalhas⁵ que conheci dançarinos e pessoas como Thiago, entusiasta do movimento cuja fala abre esta Introdução.

Na terra anglo-saxã, a marca distintiva dos sujeitos desta investigação está na pele, mais precisamente na cor da pele: são jovens “pretos” de Nova Orleans, dedicados às palavras escritas, faladas e publicadas. O ativismo destes indivíduos vertido em poesia e em postagens em um blog atraiu a nossa mirada. No *New Orleans Youth Open Mic* (Noyom), observamos adolescentes motivados a colocar no papel sentimentos, ideias e conflitos a serem expressos em alta voz quando têm

² Favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, mocambos, palafitas, entre outros assentamentos irregulares, conforme classificação do IBGE. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados_subnormais/default_aglomerados_subnormais.shtm Acesso em dezembro de 2014 e janeiro de 2015

³ As aspas foram empregadas nos termos utilizados tal como no discurso dos jovens no campo.

⁴ A pesquisa nos Estados Unidos foi possível após a obtenção de uma bolsa de Doutorado Sanduíche no Exterior, concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), instituição à qual agradecemos.

⁵ Competições da dança. Duelos.

o palco e o microfone aberto para si. Eles circulam por eventos de *spoken word*: palavra falada. Já no blog intitulado *Noirlinians*⁶, vislumbramos a relação entre cultura, vestuário e identidades discutida em textos e fotos de duas jovens mulheres. Uma delas é Mwendé, também citada na abertura deste capítulo, figura comum a transitar pela página *on-line* e pelo Noyom.

Compreendemos a dança no Rio, a poesia e o blog em Nova Orleans como práticas de comunicação por se tratarem de empreendimentos com a finalidade de proporcionar o compartilhamento de experiências socialmente significativas aos envolvidos. Individuais ou coletivas, são atividades que demandam esforço para a convergência de perspectivas, promovendo certo grau de cooperação entre os participantes do processo, conforme pretendemos discorrer adiante. São expressões nas quais está impressa a concepção de comunicação para além do sistema de emissão/recepção de mensagens, como disciplina de partição de vivências, para que estas se tornem um tipo de bem comum.

Tais práticas de comunicação selecionadas estão engendradas em culturas juvenis, de forma que o potencial que tem a juventude para protagonizar processos emancipatórios via expressões artísticas gera o contexto de análise da problemática que dá vida à nossa tese. Especificamente, interessou-nos trazer para o centro da pesquisa aqueles sujeitos que, por sua mobilização cultural e criativa, ultrapassam a geografia da cidade e o preconceito social, a fim de encontrar uma visibilidade que lhes proporcione a realização do desejo de ser aceitos e amados - reconhecidos. Por isso: Rabisca e publica! O corpo juvenil desliza sobre o chão como a caneta sobre o papel nas mãos do poeta. Rabiscar é um movimento na dança do passinho. Rabiscar é deixar sua marca exteriorizada em palavras. Publicar, seja em um blog ou em redes sociais, assume aqui a tática de quem convoca o olhar, a atenção do Outro.

No palco de uma dança – que pode ser o asfalto, a laje, um tablado... –, a estrutura física se agiganta e revela o indivíduo singular. Como no palco da palavra. O corpo é o suporte que externa anseios, desejos, conflitos. Gesticula, projeta-se, encolhe, acompanhando ritmado o texto proferido pelo seu senhor. Este mesmo corpo está ainda em suporte virtual. Fotografado, filmado, editado, curtido, compartilhado, viralizado. Exposto na rede, enquanto esperança de

⁶ Disponível em: <https://noirlinians.wordpress.com/>

visibilidade, é composto na trajetória de quem busca, de fato, reconhecimento. O corpo fala, representa e apresenta sujeitos até então esquecidos, ocultados por um efeito de modelos socioculturais enraizados que nos fazem conceber algumas pessoas como inferiores, excluídas, ou simplesmente invisíveis, como apontamos.

Quando nos referimos a “convocar o olhar”, chamar a atenção, estamos tocando o ponto fulcral da discussão aqui proposta: refletir sobre as estratégias dos sujeitos juvenis para galgarem visibilidade. Em outros termos, o que fazem os indivíduos do nosso campo para conquistarem o reconhecimento de seus pares? De que artifícios lançam mão, tendo como recurso o próprio corpo e o talento, para obterem igualdade de participação em suas interações com outros atores sociais? Ao perseguir as respostas para tais indagações, frisamos a pertinência de nossa proposta por esta reconhecer a juventude como parte dos estudos da Comunicação, bem como importante categoria para a compreensão de nossa própria sociedade.

Recorrer ao Banco de Teses da Capes sublinhou o ineditismo de nossa abordagem. Ao buscar pesquisas de doutorado que explanassem sobre o “passinho”, em qualquer área de conhecimento, encontramos apenas uma produção defendida em 2015, em Ciências do Exercício e do Esporte, na UERJ. O estudo tem foco em danças urbanas do Rio de Janeiro, entre as quais está examinado o estilo da favela. Se considerarmos as dissertações de mestrado com este tema, há apenas uma investigação, na Comunicação, apresentada em 2014, também na UERJ. Nesta, a pesquisadora avaliou a “adequação” dos corpos para participação no baile de passinho e na festa coletiva de debutantes promovida pela Unidade de Polícia Pacificadora para moradoras de comunidades cariocas, de forma que o estilo herdeiro do funk está presente, mas não é o elemento central observado enquanto prática de juventude, como ora propomos.

Ainda considerando palavras-chave que remetem às expressões culturais por nós elencadas neste estudo, realizamos nova busca de teses no repositório utilizando o termo “poesia”. Desta vez, filtramos a “Comunicação” como área de conhecimento, de forma que obtivemos 164 resultados. Destes, apenas 45 (menos de 30%) tratavam-se de trabalhos de conclusão de doutorado, sendo a maioria

anterior à Plataforma Sucupira⁷, não estando disponibilizados *on-line* os arquivos completos dos referidos trabalhos. Mesmo assim foi possível vislumbrar que grande parte das pesquisas realizadas em nossa área versa sobre tendências da poesia brasileira, a relação entre poesia e música, poesia e artes plásticas, poesia e cinema, além da exploração de obras específicas, de modo que a articulação de tal prática como estratégia de expressão entre jovens figura como eixo a ser aprofundado nas pesquisas de doutorado em Comunicação.

Ademais, o foco em “pretos” nos Estados Unidos e “favelados” no Brasil (sendo que aqui os participantes do campo também são majoritariamente negros) atende ainda a perspectivas hodiernas políticas e sociais quanto à necessária discussão sobre o que é relegado a estas pessoas em suas realidades. Assim, este trabalho acaba por trazer à tona questões do debate das Ciências Sociais, como raça, classe social e gênero, que procuramos explicitar com base nos elementos da Comunicação que nos norteiam.

Nos Estados Unidos, o movimento popular *Black Lives Matter*, criado em 2012, visa chamar a atenção para a importância de “vidas negras”. O assassinato de jovens “pretos” por autoridades policiais é um dos tópicos salientados. Segundo estudo feito pelo Escritório de Drogas e Crimes da Organização das Nações Unidas (ONU), os afro-americanos são oito vezes mais propensos a ser assassinados do que os brancos⁸. Entre 2010 e 2012, foram registrados, em média, 19,4 homicídios de “pretos” por cem mil pessoas.

No Brasil, a juventude negra que vive em favelas e subúrbios também está no cerne do problema quando o assunto são as taxas de homicídio. De acordo com a Anistia Internacional, de 56 mil assassinatos ocorridos em 2012, 30 mil tiveram como vítimas jovens entre 15 e 29 anos, sendo que 77% eram negros. Para cobrar políticas públicas e ações do governo brasileiro, a Anistia Internacional lançou em 2014 a campanha *Jovem Negro Vivo*. O vídeo⁹, produzido para colocar o assunto na pauta da opinião pública, articula a ideia do “sujeito invisível”: preto, favelado e assassinado, é apenas estatística, mais um corpo que passa despercebido, imaterial, intocável.

⁷ Criada em março de 2014, é uma ferramenta *on-line* para coletar informações, realizar análises e avaliações e ser a base de referência do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) no Brasil.

⁸ Cf.: Jornal O Globo: *EUA: Taxa de assassinato de negros é oito vezes maior que de brancos*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/eua-taxa-de-assassinato-de-negros-oito-vezes-maior-que-de-brancos-19683842> acesso em 11/07/2016 Acesso em 11/07/2016

⁹ Disponível em: <https://anistia.org.br/campanhas/jovemnegrovivo/> Último acesso em janeiro de 2017

Curioso foi lembrar, em meio a esta pesquisa, uma brincadeira divertida para muitas crianças que agora se revela contraditória: fingir que é invisível, que não está sendo visto pela mãe ou pelo pai durante uma travessura, seria sinônimo de um “poder” sobre-humano, o que conferiria um tipo de distinção e notoriedade a quem o tivesse, um super-herói. Mas, para alguns indivíduos, basta crescer para aprender que invisível é qualidade de algo ao qual a sociedade não dota de importância, ao contrário, despreza, minimiza, é o impercebível e por isso deixado à parte. Ora, “não ser visto”, sob este prisma, é exatamente estar fora, é não participar das interações sociais em condição de igualdade com o Outro.

Para a construção desta investigação, tomamos o tripé juventude, representações e visibilidade como sustentação da etnografia que apresentamos a seguir. O aporte teórico vem de referenciais da Comunicação, da Sociologia, da Antropologia e da Psicologia Social, principalmente. Em campo, no Sudeste brasileiro e no Sul estadunidense, permaneci ao todo por cerca de dois anos (2015 e 2016), engajada em observações diretas, realização de entrevistas interativas, colaborativas e menos hierárquicas, e vivência das práticas de comunicação juvenis elencadas. O sanduíche nos Estados Unidos foi realizado de 30 agosto de 2015 a 13 de março de 2016. Além de período para aprofundar a pesquisa bibliográfica e exercitar a observação com os sujeitos (e não sobre os sujeitos), também foi oportunidade ímpar de dedicação exclusiva aos estudos¹⁰, uma vez que nossa realidade no Brasil exigiu que a execução desta tese fosse simultânea ao meu trabalho como docente e coordenadora de cursos de graduação.

Não é intuito desta etnografia estabelecer análises comparativas entre jovens brasileiros e norte-americanos. Muito menos buscar uma conclusão que qualifique práticas “a” ou “b” como “melhores” ou “piores”. Ao contrário, o objetivo é encontrar especificidades e recorrências, aquilo que há em comum em diferentes ações juvenis empreendidas por sujeitos em territórios e contextos distintos. A meta é, a partir das experiências de campo, refletir sobre

¹⁰ Além da dedicação à pesquisa de campo para a tese de doutorado, o sanduíche em Nova Orleans também possibilitou a participação em aulas ministradas pela professora Vicki Mayer na Tulane University (minha coorientadora no exterior); a participação em eventos acadêmicos realizados pelo Centro de Estudos Latino-Americanos da Tulane; a interação e troca de experiências com alunos e professores do Departamento de Comunicação e de Português e Espanhol; a apresentação de artigo em dois congressos internacionais (Lago Conference 2016 e Scolas 2016); a frequência a aulas de Inglês realizadas na Tulane de segunda a quarta-feira, das 18h às 20h30; a realização de uma entrevista com a professora Vicki Mayer, publicada na Revista Compólitica 2016 vol. 6 (1); a redação do artigo *Juventud Nativos Digital: Conexiones y Desconexiones*, em parceria com a professora Vicki Mayer, apresentado no Congresso Alaic 2016, no México.

representações e visibilidade social e midiática, sem a obrigação, inclusive, de dar exemplos de todas as práticas em cada tópico discutido. Assim, nas próximas páginas, o leitor poderá encontrar ora aspectos do campo em Nova Orleans, ora aspectos do campo no Rio, sem intuito de confrontação, mas alinhados em uma narrativa afinada ao nosso objetivo de debater estratégias de visibilidade.

Para tanto, exploramos todo material obtido, não só em observações, conversas, entrevistas, mas também em registros fotográficos e audiovisuais feitos por nós e em postagens dos participantes em redes sociais digitais – pois nosso campo combina palcos, ruas e praças, bem como o ambiente virtual onde os sujeitos juvenis também se apresentam e se representam na atualidade. Ao longo dos próximos capítulos, expusemos considerável material ilustrativo, exibido a fim de complementar nossa explanação.

Em *O método, os sujeitos e a pesquisadora*, apresentamos os caminhos percorridos ao encontro dos protagonistas desta tese, os jovens do passinho no Rio de Janeiro e os poetas e as blogueiras de Nova Orleans. Também discorremos sobre as duas cidades enquanto campo e suas características que, de alguma forma, vão influenciar nos arranjos sociais e culturais das juventudes examinadas. Lançamo-nos ainda a uma reflexão sobre a metodologia escolhida: a etnografia com inspiração nos princípios feministas, reconhecendo que os indivíduos juvenis são participantes ativos desta investigação, cedendo suas histórias e trajetórias para que pudéssemos tecer nossa análise acadêmica.

Assim, enquanto participantes, suas vozes também se fazem presentes, de certa maneira como coautoras. Neste sentido, problematizamos dois aspectos no debate metodológico: (1) o posicionamento desta pesquisadora em relação aos participantes do estudo; e (2) sobre como experiências vividas e observadas são transformadas em texto. Aprendemos que a pesquisa etnográfica está sempre em construção, assim como o próprio objeto é estruturado à medida que ocorre a imersão.

Em *Sobre jovens, representações e visibilidade*, almejamos alinhar concepções sobre os termos expressos no título do capítulo, com base em dados do campo e aporte teórico relacionado. Ao delimitar os sujeitos do Rio e de Nova Orleans por suas práticas de comunicação (passinho, Noyom e *Noirlinians*), acabamos por encontrar indivíduos em um recorte etário concentrado entre 15 e

29 anos. Mas há participantes com alguns poucos anos a mais ou a menos, também contribuintes nas observações. Em verdade, nossa perspectiva propõe pensar as juventudes como construção histórica, social, cultural e, concernente à nossa área de exploração, também midiática. Por estes vieses, discutiremos representações comumente difundidas de juventudes “faveladas” e “pretas”. Por fim, nesta seção, delimitamos o que consideramos ser “visibilidade” no arcabouço desta investigação, apontando que o ato de representar opera como o feito, mesmo, de atribuição de visibilidade. Paralelamente, buscar visibilidade social e midiática é colocar-se na rota do reconhecimento.

No capítulo seguinte, *Rabisca e publica: do passinho carioca ao “artactivism” de Nova Orleans*, concentramo-nos em apresentar as práticas acompanhadas em campo, de modo detalhado, como demanda a etnografia. No Rio, o passinho, mais que uma dança, revelou aspectos comuns aos indivíduos favelados, situações cotidianas que passam por escolhas de caminhos a seguir, conflitos de interesses pessoais e da família e a relação com o território que, em resposta a um estigma de lugar, tem sido ressignificada no orgulho da afirmação “sou favelado”.

Na singularidade do corpo performático, o passinho posiciona o dançarino nas questões coletivas que o aproximam de outros em condições semelhantes. Como prática de comunicação, destaca sujeitos que têm reelaborado representações hegemônicas do jovem da favela a partir de suas habilidades artísticas refletidas na corporeidade. Já a investigação em Nova Orleans permitiu a observação da junção de arte e ativismo juvenil em eventos de poesia (*spoken word*) organizados pelo Noyom e em postagens do Blog *Noirlinians*. Na esteira de movimentos sociais contemporâneos, ambos mobilizam majoritariamente jovens “pretos” em território norte-americano, interligados por referenciais e práticas de autorreconhecimento como via possível de produção de visibilidade e cidadania.

Os grupos examinados no Brasil e nos Estados Unidos têm em comum a criatividade e a expressão corporal como fórum de discussão e meio de autorrepresentação, além do uso de mídias sociais digitais e website para promoverem suas atividades, comunidades e a si próprios. Este é o contexto, então, da abordagem do Capítulo *Estratégias dos corpos em territórios físicos e virtuais*. Relatamos as vivências do campo que tanto evidenciaram a corporeidade

como eixo de conexão com o Outro, como também demarcaram processos que localizam os jovens, ativamente, em um ambiente que é *on-line* e *off-line*. Propondo categorias de corpo técnico e estético, político e empreendedor, argumentamos sobre como a estrutura corpórea é parte da criação e manutenção de visibilidade. As interações dos corpos juvenis propiciadas por ferramentas das novas tecnologias encerram este capítulo, apontando as maneiras como distintas juventudes habitam diferentes territórios – físicos e virtuais - e traçam suas trajetórias – muitas vezes agindo individualmente, porém, jogando luz sobre competências coletivas.

É pela organização textual ora descrita que as práticas de comunicação observadas como estratégias de visibilidade obtêm lugar importante nas preocupações desta tese. A forma encontrada para incorporar e relacionar neste trabalho as variadas experiências situadas no Brasil e nos Estados Unidos foi exatamente “deixar o campo falar”, como recomendam os antropólogos. Ao ouvir as vozes juvenis, retratadas em rabiscos¹¹ no palco e no papel, vimos despontar as particularidades de cada contexto, devidamente apresentadas no capítulo 4. Mas, também identificamos aspectos comuns que perpassam fronteiras, conectando as juventudes protagonistas desta investigação. Diante do firme propósito de não traçar comparações, como já pontuamos, cuidamos de reunir e apresentar na tabela 1, lado a lado (e não em oposição), a questão central, os campos, os sujeitos participantes e os elementos correlacionados:

Questão	Campos	Estigma	Participantes	Aspectos relacionados
Práticas de comunicação como estratégia de visibilidade	Rio de Janeiro, Brasil	Favela: A geografia da cidade, local de moradia	Dançarinos de passinho; Idealizadores e promotores de shows e batalhas de passinho	Corpo *Técnico e estético *Político *Empreendedor Internet, redes sociais digitais
	Nova Orleans, Estados Unidos	Raça: Cor da pele, pretos	Ativistas e blogueiras do <i>Noirlinians</i> Poetas, idealizadores e promotores do Noyom	* “Vitrine” *Potencialização das estratégias de visibilidade * Distintas experiências de subjetivação

Tabela 01: Relacionando aspectos comuns da observação em campo

¹¹ Para novamente nos referirmos a um movimento no passinho, em um trocadilho com o ato de rabiscar o papel, aproximando nossos sujeitos: dançarinos, poetas e blogueiras.

Concluindo a jornada de quatro anos de estudo, a presente tese, que não pretende apenas atender ao requisito parcial para obtenção do título de doutora, visa também colaborar para a vida das pessoas pesquisadas – para além da esperada contribuição no campo acadêmico. A escolha do método etnográfico, seguindo princípios da investigação feminista, vem ao encontro deste propósito. Como mulher, jovem, negra, criada na periferia de Juiz de Fora, na Zona da Mata de Minas Gerais, esta estudiosa busca, mesmo que timidamente, fazer desta análise um espaço concreto de visibilidade das juventudes observadas, como autoras e cidadãs ativas da tessitura que se desenvolve nos próximos capítulos. É o mínimo a fazer em consonância ao que postula a teórica indiana Gayatri Spivak (2010, p. 126): “A mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio”.

Esperamos que as páginas a seguir possam ressoar as vozes que colaboraram para o trabalho final. Não são apenas acadêmicas, mas vozes de jovens, de favelas, de guetos, de pretos, em distintas cidades das Américas, na interação com diferentes sotaques. Como horizonte, está a busca, quem sabe, de uma mesma linguagem com capacidade de reunir dezenas, às vezes centenas de indivíduos que não trocam uma palavra, mas compartilham a comunicação corporal de práticas e comportamentos que passam pela via estética. Rabisca e Publica!